"UMA TERRÍVEL BELEZA NASCEU": O LEVANTE DA PÁSCOA EM "PÁSCOA, 1916" DE WILLIAM BUTLER YEATS

"A TERRIBLE BEAUTY IS BORN": THE EASTER RISING IN "EASTER, 1916" BY WILLIAM BUTLER YEATS

Leide Daiane de Almeida Oliveira[1]

Maria Rita Drumond Viana[2]

Resumo: Este artigo tem o objetivo de analisar como o poeta e dramaturgo irlandês William Butler Yeats representa um acontecimento histórico em um dos seus poemas. Trata-se de "Easter,1916" escrito semanas depois do Levante da Páscoa, revolução armada que tinha entre seus participantes professores, poetas e escritores. Yeats é o autor do poema que se estabeleceu como o mais emblemático sobre o Levante. O poema é construído através de uma série de alusões e metáforas. Por isso, a análise deste poema teve a finalidade trazer mais informações sobre o Levante e sua implicação na história da Irlanda. Tomando como ponto de partida o exercício de análise do poema, chegamos à reflexão a respeito da estreita relação entre literatura e história, relação esta que se mostra profícua se colocada em contraponto com o estudo individual dessas duas áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Poesia. Yeats. Levante de Páscoa.

O poeta e dramaturgo irlandês William Butler Yeats (1865-1939), detentor de uma vasta obra, tanto em diversidade temática quanto em número de publicações, continua sendo foco de grande interesse da crítica literária. Em meio à sua obra há um número expressivo de poemas que são, de modo geral, chamados de poemas políticos, ou seja, trataram de temas que tiveram ligação direta com questões políticas, principalmente ligadas à Irlanda. O objetivo deste artigo é realizar a análise de um dos vários poemas políticos de Yeats, "Easter 1916", escrito provavelmente entre maio e setembro de 1916 e publicado em 1921 em *Michael Robartes and the*

[1] Doutoranda na área de Teoria, Crítica e História da tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa também pela UFSC; Especialista em Educação a Distância pela Universidade do Estado da Bahia; Licenciada em Letras Inglês e Literaturas correspondentes também pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: daiane.deao@gmail.com

[2] Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina (DLLE/UFSC). Possui doutorado pela Universidade de São Paulo,(USP); Possui mestrado em Literatura de Língua Inglesa pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minhas Gerais (Pós-Lit/UFMG), onde também se graduou em Letras: Inglês. Tem experiência na área de literatura, com ênfase nas literaturas de língua inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura irlandesa, W. B. Yeats (1865-1939), gêneros não ficcionais, epistolografia, romantismo e modernismo ingleses, e tradução literária. E-mail: m.rita.viana@ufsc.br

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

Dancer. Neste trabalho será utilizada a tradução feita por Paulo Vizioli com o título: "Páscoa, 1916", publicada em 1992.

Este poema tem como tema o Levante da Páscoa que ocorreu na semana de Páscoa de 1916 em Dublim. Este acontecimento repercutiu fortemente nas transações políticas subsequentes, as quais visavam à obtenção da autonomia da Irlanda em relação ao Reino Unido. Muitas características distinguem o Levante da Páscoa de outras tentativas realizadas anteriormente para buscar o autogoverno. O historiador irlandês, R. F. Foster, em seu livro, *Modern Ireland 1600-1972,* diz que: "Quaisquer contradições teóricas presentes no Levante de 1916 foram obscurecidas pelo fato de que a sua retórica foi poética. Vários poetas participaram e a reação mais famosa foi um poema: 'Páscoa, 1916' de Yeats [...]". (FOSTER, 1988, p. 479, tradução nossa)[3]. Como se sabe, o Levante teve como um dos seus objetivos a proclamação da independência da Irlanda. Após tentativas frustradas de lutar contra a dominação britânica, como foi o caso da insurreição de 1798, surge um grupo de revolucionários que, não obstante as possíveis contradições, infundiram grandes acontecimentos posteriores. O poema de Yeats sobre o Levante da Páscoa começa com a descrição de sua relação com alguns dos participantes do Levante:

> Eu encontrei-os no crepúsculo da tarde;
> Vinham, no rosto a animação,
> De escrivaninha ou de balcão,
> Entre as casas cinzas, do século dezoito.
> Passei saudando-os de cabeça, ou bem
> Com palavras corteses e banais;
> Ou demorei-me um pouco e disse
> Coisas corteses e triviais;
> E pensei antes de ir,
> Numa história escarninha ou numa zombaria
> Com que pudesse um companheiro divertir
> No clube, em torno da lareira,
> Mas certo de que eles e eu
> Vivíamos onde se usavam trajes de bufão:
> Tudo mudou, mudou em toda dimensão:
> Uma terrível beleza nasceu. (1-16)

Nos primeiros versos do poema, Yeats parece querer demonstrar certo distanciamento entre ele e os participantes do Levante. Eles não aparentam manter uma relação calorosa e isso pode ser inferido do quinto e sexto versos quando Yeats escreve: "Passei saudando-os de cabeça, ou bem / Com palavras corteses e banais;" No entanto, mais para o final da estrofe

[3] Any theoretical contradictions present in the 1916 rising, however, were obscured by the fact that its rhetoric was poetic. Several poets took part, and the most famous reaction to it was a poem: Yeats's 'Easter 1916', written between May and September and strategically published during the Anglo-Irish war four years later.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

Yeats reconhece que pelo menos por uma razão existe alguma identificação entre eles : “Mas certo de que eles e eu / Vivíamos onde se usavam trajes de bufão:”. Além disso, tanto Yeats quanto “eles” teriam que encarrar as mudanças que surgiram com o Levante da Páscoa. A mudança pode ser considerada bela porque foi um movimento em direção à emancipação e foi também terrível, uma vez que muito sangue foi derramado. Edna Longley em seu livro intitulado *Michael Robartes and the Dancer: Helicon and ni Houlihan*, faz as seguintes observações sobre “Páscoa, 1916”:

> Primeiramente o poema apresenta a intuição de Yeats de que um mundo foi destruído: “Tudo mudou, mudou em toda dimensão”. Porém, habita esse momento de mudança sem deixar o tempo presente. E “uma terrível beleza nasceu” quase não oferece o fechamento esperado da balada irlandesa. Em “Páscoa, 1916” Yeats oferece seus versos (não arte) como um meio de desdobrar a história. Ao mesmo tempo, ele distingue sua voz singular, seu estilo pessoal, da solidariedade da jovem Irlanda com o uso da primeira pessoa do plural. A primeira estrofe apresenta eu e eles, eles e eu. (LONGLEY, 1990, p.131, tradução nossa)[4]

Em “Páscoa, 1916” Yeats se refere ao Levante de maneira bastante abrangente, tentando abarcar, dentro do possível, muito do que compôs tal acontecimento e suas consequências. Se na primeira estrofe os revolucionários são apresentados de maneira geral, na segunda estrofe Yeats dá indicações mais precisas a respeito de quem ele está falando. Assim, a segunda estrofe é iniciada fazendo referência a uma das pessoas que tiveram um papel importante no Levante. “Essa mulher”, a qual Yeats se refere é Constance Markievicz, uma das líderes do Levante de Páscoa. Ela nasceu em uma família abastada em Lissadell no condado de Sligo, Irlanda. Seu interesse em se envolver com o nacionalismo irlandês pode ter surgido por várias razões. O historiador Tomás O’Riordan escreve sobre este assunto no projeto *multitext* em história irlandesa que se encontra disponível online. Ele relata que em 1906 ela alugou uma casa de campo em Ballally, condado de Dublim, e encontrou uma série de cópias de publicações revolucionárias dos jornais *The Peasant* e *Sinn Féin* deixados por um morador anterior, o poeta Pádraig Colum. Depois de fazer a leitura dos jornais, Markievicz soube que ela tinha encontrado a causa para inspirar a sua vida. A leitura dos jornais pode ter exercido forte influência no despertar do engajamento político dela, no entanto, o conferencista do departamento de história da UCD, Conor Mulvagh, no artigo intitulado *Constance Markievicz: Aristocratic leader of men,* comenta que outros acontecimentos podem ter sido

[4] Primarily, the poem sets forth Yeats's intuition that a world has been swept away: "All changed, changed utterly". But it inhabits that moment of change without leaving the present tense. And "A terrible beauty is born" hardly provides the hoped-for closure of Young Ireland balladry. In 'Easter, 1916' Yeats offers his verse (not art) as a medium for unfolding history. At the same time, he distinguishes his singular voice, his "personal style" from the Young Ireland solidarity of first-person plurals. The first stanza features I and them, they and I.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

motivadores de tal mudança, ele os lista: "A guerra de Boer, o sufrágio em Londres, o renascimento literário Anglo-Irlandês, e a opressão russa em dois verões em casa com Casimir"[5] (Mulvagh, 2016, Suplemento 8), segundo Mulvagh, a lista pode continuar. Embora não seja possível precisar o acontecimento que motivou o posicionamento político de Markievicz, talvez a soma de muitos deles, é possível acompanhar seu processo de engajamento. Em 1908 ela se junta ao Sinn Féin e o grupo de mulheres de Maud Gonne, *Inghinidhe na hÉireann* (Filhas da Irlanda), se torna uma contribuidora regular do *Bean na hËireann* (Mulheres da Irlanda) o primeiro jornal nacionalista irlandês de mulheres (O'RIORDAN, 1968, n.p) No Levante, a participação de Markievicz foi de grande destaque. Em *The Irish Rebellion of 1916: A Brief History of the Revolt and its suppression* (A Rebelião Irlandesa de 1916: Uma Breve História da Revolta e sua Supressão), John Boyle fala sobre a participação dela na semana do Levante: "Seu centro de operações era na Faculdade Real dos Cirurgiões de Stephen's Green, onde ela estava comandando 120 insurgentes, os quais permaneceram com a posse do prédio do início da revolta até o final" (Boyle, 1916, p. 106, tradução nossa)[6].

Os versos de Yeats sobre Constance Markievicz contêm mais crítica que elogio. Ele escreve: "Dessa mulher os dias foram gastos / Em ignorantes boas intenções, / Suas noites em argumentações / Até a sua voz tornar-se estrídula. Que voz mais doce do que a dela, / Quando, jovem e bela, / Matilha à frente, cavalgava?" (17-23). Yeats reconhece a boa vontade de Markievicz em se engajar em algumas das ações nacionalistas, mas ele sugere que a participação dela não é de todo consciente. A crítica de Yeats em relação a ela parece ter nascido da constatação da disparidade da visão política que cada um possuía. Yeats foi um tipo de nacionalista um pouco diferente dos participantes do Levante, seu nacionalismo se evidenciou inicialmente com os seus escritos, que buscavam resgatar um pouco do folclore irlandês, porém, seu posicionamento político não foi sempre o mesmo. Foster fala sobre isso em *Philosofy and a little passion*, publicado em *The Irish Times*. Ele diz que "a política de Yeats mudou de estágios de engajamento violento, intensa desilusão e outra mudança com o impacto sísmico de 1916" (FOSTER, 2015, n.p, tradução nossa).[7] Se por um lado se pode caracterizar seu nacionalismo como sendo cultural, baseado em sua iniciativa de trazer elementos culturais da antiga Irlanda para sua obra e sua participação ativa no *Irish Revival* (Renascimento Irlandês),

[5] the Boer War, encountering suffrage in London, the Anglo-Irish literary revival, encountering Russian oppression on two summers home with Casimir, the list goes on

[6] her headquarters were at the Royal College of Surgeons of Stephen's Green, where she was in commend of 120 insurgents, who remained in possession of the building from the start of the revolt right to the very finish

[7] His politics had moved through stages of violent engagement, intense disillusionment and another change with the seismic impact of 1916.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

por outro ponto de vista ele também pode ser considerado pertencente ao nacionalismo avançado. Foster em *Paddy And Mr Punch*, diz que "Ele é muito frequentemente visto como alguém que se torna um 'nacionalista avançado' nos anos 1880 e mais tarde retira-se para ser um 'reacionário'" (Foster, 1993,p. 232, tradução nossa)[8]. Não obstante a dificuldade existente para definir com exatidão a que tipo de nacionalismo Yeats de fato fez parte, é possível afirmar que ele se torna mais enérgico depois de conhecer Lady Gregory e Maud Gonne. Nesse período a expressão do seu nacionalismo é percebida tanto nas peças de teatro quanto em um grande número de poemas políticos.

A presença de Markievicz nos versos de Yeats, uma presença que serve para imortalizar e também para, de certa maneira, desqualificar, é discutida por Longley, no livro já citado aqui anteriormente. Ela procura justificar a maneira que Yeats a representa: "Talvez Markievicz, cujas ações eram mais extremas que as de Gonne, podem de maneira menos perturbadora representar muito do que Yeats passou a deplorar" (LONGLEY, 1990, p.127, tradução nossa). No final do Levante Markievicz foi presa, como a maioria dos outros líderes, mas diferentemente dos outros, ela não foi condenada a morte por ser mulher. R. F. Foster, em seu livro *Vivid Faces,* comenta que "a excentricidade e estridência de Markievicz eram ridicularizadas por outros além de Yeats". No entanto, na mesma página Foster acrescenta que "ela era uma pessoa mais séria (e política) do que é geralmente lembrada" (FOSTER, 2014, p. 20, tradução nossa).[9] Para justificar tal afirmação, Foster menciona e comenta muitos dos movimentos nos quais ela se engajou ou que ela ajudou a construir após a leitura daqueles jornais.

Na sequência da mesma estrofe na qual Markievicz é aludida, Yeats fala sobre "esse homem", em referência a Patrick Pearse, um dos líderes da Levante da Páscoa e também responsável pela leitura da Proclamação da República da Irlanda em frente ao prédio geral dos correios, conhecido como GPO (General Post Office), no início do Levante. Pearse teve um papel de destaque na luta nacionalista. Além de entrar para a revolução armada, ele era alguém que se preocupava com os danos provocados pelo processo de colonização no sistema educacional na Irlanda. Entre seus escritos a esse respeito se destaca um artigo com o título de *The Murder Machine* (*A Máquina Mortífera*). Neste artigo ele demonstra sua ira em relação à

[8] He is too often seen as someone who becomes an 'advanced nacionalist' in the 1880s and later retreats into being a 'reactionary',

[9] Eccentricity and stridency were mocked by others besides Yeats" (20). But he calls attention to the fact that she "was a more serious person (and politician) than is often remembered.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

substituição da língua irlandesa e de características culturais por aquelas do colonizador. Numa das passagens do texto ele escreve:

> Um novo sistema educacional na Irlanda tem que fazer mais do que restaurar uma cultura nacional. Ele tem que restaurar a masculinidade de uma raça que foi privada disso. Junto com a inspiração, no entanto, é preciso trazer certo endurecimento. Este novo sistema educacional deve levar a Irlanda de volta para suas sagas. (PEARSE, 1916, p.12, tradução nossa)[10]

Baseado nesse trecho é possível notar que o posicionamento de Pearse em relação à reforma educacional buscava grande ressonância na vida política dos irlandeses. Pearse ansiava por mudanças radicais para a Irlanda através da educação. Isto, no entanto, parecia um sonho vago uma vez que a Irlanda continuava sob o domínio britânico. Aparentemente, essa foi a motivação para fazer este professor, poeta e escritor trocar a sua caneta por uma arma. No poema de Yeats, Pearse é lembrado justamente pelo seu envolvimento com a educação: "Tinha uma escola esse homem e montava / Nosso cavalo de asas" (24-25). A referência a Pégaso indica o reconhecimento da competência de escritor que Yeats atribui a Pearse.

Na sequência da mesma estrofe Yeats nos apresenta, também de maneira indireta, mais um participante do Levante. "Esse outro, amigo que o ajudava / No vigor da vida entrava; / No fim obter nomeada poderia, / De natureza tão sensível parecia / Tão ousado e atraente no pensar" (26-30). Yeats se refere, de maneira mais elogiosa que as descrições anteriores, a Thomas MacDonagh. Assim como Pearse, ele também era professor, poeta e escritor. Yeats menciona que ele ajudava Pearse porque MacDonagh se juntou ao quadro de professores da escola bilíngue Santa Enda fundada por Pearse em 1908. As observações em relação à sensibilidade de MacDonagh estão presentes também em *Vivid Faces* e Foster comenta que: "Seu próprio temperamento inseguro, febril e intermitentemente triste o impulsionou a um estado emocional mesmo antes da revolta da semana de Páscoa (FOSTER, 2014, p. 233, tradução nossa).[11] Foster também acrescenta que: "Privação de sono, isolamento de outras esferas das atividades da insurreição, bem como possivelmente a dieta ininterrupta de bolo e biscoitos, fez de MacDonagh um líder errático" (FOSTER, 2014, p. 234, tradução nossa).[12] Os traços de ousadia da personalidade de MacDonagh, que são destacados nos versos de Yeats são

[10] A new education system in Ireland has to do more than restore a national culture. It has to restore manhood to a race that has been deprived of it. Along with its inspiration it must, therefore, bring a certain hardening. It must lead Ireland back to her sagas.
[11] His own insecure, febrile and intermittently gloomy temperament had propelled him into an emotional state even before the upheavals of the Easter weekend.
[12] Sleep deprivation, isolation from other spheres of insurrectionary activities, as possibly the unrelieved diet of cake and biscuits made MacDonagh an erratic leader.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

percebidos nas próprias palavras de MacDonagh citadas por Foster: "Um homem que é um mero autor é nada. Eu vou viver coisas que antes eu imaginei" (FOSTER, 2014, p. 233, tradução nossa)[13]. Toda essa determinação tomou a forma de luta para libertar a Irlanda.

Dando continuidade a estrofe, Yeats segue falando dos participantes do Levante, porém, dessa vez o tom deixa de ser o elogioso dirigido a MacDonagh e passa a ser uma descrição um tanto degradante. Ele se refere a John MacBride nos seus versos da seguinte forma: "Este outro com que estive eu a pensar, / Um ébrio, um rústico vaidoso". (31-32). A descrição hostil feita por Yeats é resultado da relação conflituosa que os dois estabeleceram anteriormente. Para além dos desentendimentos políticos entre eles, existia o agravante de que MacBride havia casado com Maud Gonne, a mulher por quem Yeats nutriu sentimentos amorosos quase a vida inteira. Yeats também faz referência à maneira violenta que MacBride travava Gonne e possivelmente seus filhos: "Ele feriu de modo mais penoso / Criaturas bem perto do meu coração," (33-34). Foster comenta sobre a relação turbulenta que Gonne tinha com seu marido e sobre as tentativas de resolver o problema. Ele diz que os nacionalistas do circulo de MacBride recusaram ouvir as reclamações de Gonne sobre o alcoolismo de seu marido. Foster traz as próprias palavras de Gonne numa carta que ela escreve a John O'Leary:[14] "Eu não tive culpa em relação a minha vida de casada. Meu marido errou profundamente comigo. […] Eu escondi de todos o que eu sofri da embriaguez de John MacBride durante nossa vida de casados". (FOSTER, 2014, p.126, tradução nossa).[15] Gonne continua a carta se queixando do comportamento de MacBride e dos nacionalistas do sexo masculino que diziam que ela deveria suportar tal situação. Ainda na mesma carta ela cita algo que Yeats havia dito a ela: "O problema destes homens é que na opinião deles as mulheres não possuem direitos" (FOSTER, 2014, p.127, tradução nossa). A citação de Gonne das palavras de Yeats em relação a esse assunto demonstra que o poeta estava ciente sobre o que se passava no relacionamento dos dois. Este fato justifica o uso da palavra "ébrio", bem como a relutância, percebida nos versos, em celebrá-lo em "Páscoa, 1916". Não obstante, ele explica o motivo da inclusão desta figura controversa: "Mas no meu canto faço dele citação. / Também ele depôs o seu papel / Na comédia incidente; / Por sua vez ele também evolveu / E transformou-se inteiramente: / Uma terrível beleza nasceu." (35-40). Apesar da desaprovação de Yeats em relação à conduta da vida privada de MacBride, ele não ignora a posição de figura pública de MacBride no Levante.

[13] A man who is a mere author is nothing. I am going to live things that I have before imagined.
[14] Jornalista e líder do movimento feniano pela independência da Irlanda. Yeats tinha O'Leary como mentor e atribui a ele o melhoramento da sua escrita.
[15] I was blameless as regards my married life. My husband has wronged me deeply. . . . I had hidden from everyone what I have suffered from John MacBride's drunkenness during our married life

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

Yeats começa a terceira estrofe se referindo aos participantes do Levante como uma unidade em relação à determinação de alcançar o objetivo ao qual eles se propuseram. Ele dedica a estrofe à ideia de mudança trazida pela insurreição:

> Corações com um propósito somente
> Parecem pelo inverno ou pelo estio
> Encantados em pedra,
> A fim de atrapalhar da vida o rio.
> O cavalo que vem de seu caminho,
> O cavaleiro, o passarinho,
> Que de uma nuvem voa
> A outra que esboroa,
> Mudam minuto por minuto;
> A sobra de uma nuvem na corrente
> De minuto a minuto se desmente.
> Na margem escorrega um casco,
> E o cavalo, ao cair, agua esparrama;
> Mergulham, longos pés, as frangas d'água,
> E o macho, a fêmea o chama.
> Vivem instante por instante:
> No meio deles fica a pedra, não obstante. (41-57)

A indicação de tais mudanças é feita através de uma sequência de metáforas. A história está presente no poema, mas como sugerido por Terry Eagleton na sua análise de "Páscoa, 1916", ela não parece ser, neste casos específico, o maior objetivo da escrita do poema. De acordo com Eagleton, Yeats também teve o objetivo de mitologizar tanto o acontecimento quanto seus participantes. Na visão de Eagleton:

> A finalidade de toda metáfora da estrofe é sustentar essa dualidade da visão: instar ao mesmo tempo o processo vivo do evento ("história") e sua estranha inescrutabilidade, feito pedra ("mito"). Assim, a imagem da pedra e do rio "naturaliza" a perturbadora rebelião, transmutando-a sem esforço para uma perturbação orgânica dentro de uma textura de uma paisagem conhecida; mas pela mesma razão isso distancia e despersonaliza o que ocorreu a um processo ilusoriamente obscuro que só pode ser registrado ao invés de compreendido. A metáfora dignifica, mas também retira a experiência histórica, dá graça e estilo aos acontecimentos sangrentos, mantendo simultaneamente a distância. (EAGLETON, 1971, p.256, tradução nossa)[16]

Fica claro na argumentação de Eagleton a existência de uma tentativa de acomodação tanto do fato histórico quanto da transformação deste em mito, que se tornou possível através

[16] The point of the overall metaphor of the stanza is to sustain this duality of vision: to urge at once the living process of the event ('history') and its strange, stone-like inscrutability ('myth'). Thus, the imagery of stone and stream 'naturalises' the disruptive rebellion, transmuting it effortlessly to an organic disturbance within the texture of a known landscape; but by the same token it distances and depersonalises what has occurred to an elusively obscure process which can be registered rather than understood. The metaphor, that is, dignifies but also withdraws the historical experience, gracing and stylising the bloody events while holding them simultaneously at arm's length.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

dessa espécie de diálogo entre as duas dimensões que o poema nos apresenta. Outro aspecto que vale a pena mencionar é a ênfase que é dada ao tempo, pequenas frações de tempo. Na terceira estrofe Yeats repete "minuto por minuto" em três versos diferentes. A repetição traz a sensação de mudança mas enfatizando o lento desenvolvimento dela.

Na última estrofe do poema, Yeats faz referência a luta pela libertação da Irlanda e os sacrifícios que sempre foram parte da luta:

> Um sacrifício muito longo
> Pode mudar em pedra o coração.
> Oh quando as coisas bastarão?
> Essa é a parte do céu nosso quinhão
> Em murmurar nome após nome:
> Assim a mãe chama a criança pelo nome
> Quando o sono chega finalmente,
> A membros que correram tão travessos.
> Será o cair da noite tão-somente?
> Não, não, não o da noite mas da morte:(58-67)

Nestes versos, Yeats evoca um sentimento de desesperança ante a situação da Irlanda. Neste trecho outros sacrifícios anteriores são também lembrados, é como se a luta e as mortes não fossem de nenhuma valia para que finalmente a liberdade fosse alcançada. Do sentimento de desesperança passado através dos versos iniciais da estrofe, Yeats passa a um tom colérico e fatalístico:

> Enfim, deu-se tal morte inutilmente?
> Pois a Inglaterra pode ter palavra,
> Malgrado tudo que se faça ou diga.
> Conhecemos o sonho deles; suficiente
> Saber que eles sonharam e morreram;
> Que importa hajam perdido o norte,
> Por excesso de amor; até à morte? (66-74)

Quando Yeats escreve: "Pois a Inglaterra pode ter palavra / Malgrado tudo que se faça ou diga", está fazendo menção ao terceiro projeto de lei, de 1912, para a aprovação do autogoverno (Home Rule) na Irlanda que foi promulgado no início da Primeira Guerra Mundial, mas suspenso até que a guerra chegasse ao fim. Essa suspensão da lei de autogoverno foi uma das motivações do Levante de 1916. Nesses versos Yeats, através de perguntas, parece estar tentando entender o que aconteceu; as implicações de tal acontecimento e o que efetivamente este provocaria em se tratando de mudanças. Embora uma série de sentimentos em relação ao Levante da Páscoa possam ter atravessado Yeats,

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

ainda assim ele escolhe imortalizar alguns dos participantes. Os seguintes versos encerram o poema:

> Escrevo-o numa estrofe:
> MacDonagh e MacBride
> E Connolly e Pearse
> Agora e de hoje para frente
> Onde use a Irlanda o verde seu,
> Estão mudados, mudados totalmente:
> Uma terrível beleza nasceu. (75-81)

Todos os nomes citados nesta última estrofe foram aludidos anteriormente em outra estrofe do poema, exceto o de James Connolly, comandante dos revolucionários. No tocante a escolha de quem representar no poema, Foster observa que: "O poema de Yeats traça o perfil do aristocrata renegado, o mentor carismático dos jovens, o intelectual literato e o homem de ação violenta: figuras simbólicas de toda revolução clássica" (Foster, 2014, p. 22, tradução nossa)[17]. Mas, como lembra Foster, também deveu a James Connolly, descrito por ele como um "ideólogo socialista brilhante".

No artigo de Declan Kiberd intitulado *Irish Literature and Irish History* (*Literatura Irlandesa e História Irlandesa*), ele, provavelmente tendo em mente as consequências do Levante da Páscoa, diz que: "os pontos na história em que literatura e política se encontram tem sido descritos como uma 'encruzilhada sangrenta'. Impulsos românticos, derivados da literatura, supostamente levam a carnificina e terror nas ruas" (KIBERD, 1996, p. 230, tradução nossa)[18]. Kiberd também comenta sobre as observações de Conor Cruise O'Brien[19] sobre a colaboração irlandesa entre nacionalismo e arte, que ele considera como sendo uma "intercessão não saudável". No entanto, Kiberd traz um contra-argumento que se apresenta da seguinte forma: "A arte é uma força potente demais para ser deixada inteiramente nas mãos de seus criadores, e a política dominante demais para ser deixada apenas no controlo dos políticos" (KIBERD, 1996, 230, tradução nossa). O que se pode notar em "Páscoa, 1916" é justamente essa intercessão perigosa, porém necessária entre arte, política e história.

Através da leitura e análise do poema de Yeats sobre o Levante de Páscoa foi possível a construção de um breve panorama contextual dentro do qual o poema se insere. A partir da análise dos versos, mais informações foram trazidas a respeito da organização, efetivação e resultados do Levante. Além disso, foram trazidos mais detalhes sobre os participantes citados ou aludidos no

[17] Yeats's poem profiled the renegade aristocrat, the charismatic mentor of the young, the literary intellectual and the violent man of action: symbolic figures in every classic revolution

[18] The points in history at which literature and politics meet have been described as a 'bloody crossroad'. Romantic impulses, derived from literature, allegedly lead to carnage and terror in city streets

[19] Conor Cruise O'Brien (1917-2008) político, escritor, historiador e acadêmico irlandês.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.

poema. A análise também foi importante na percepção da relação profícua entre literatura e história. Relação esta que se mostra presente tanto no poema quanto na análise que realizamos. A contribuição deste tipo de análise se encontra em justapor esses dois campos do conhecimento, proporcionando, talvez, outro olhar para a obra literária em questão.

Abstract: This article aims to analyze how the Irish poet and playwright William Butler Yeats represents a historical event in one of his poems. It is "Easter, 1916" written weeks after the Easter Rising, an armed revolution that had among its participants teachers, poets and writers. Yeats is the author of the poem that established itself as the most emblematic on the Rising. The poem is constructed through a series of allusions and metaphors. Therefore, the analysis of this poem had the purpose to bring more information on the Rising and its implication in the history of Ireland. Taking as a starting point the analysis of the poem, we come to the reflection about the close relation between literature and history, a relationship that is rich if placed in counterpoint with the individual study of these two areas of knowledge.

Keywords: Poetry. Yeats. Easter Rising.

REFERÊNCIAS

BOYLE, John. *The Irish Rebellion of 1916: A Brief History of the Revolt and its suppression.* London*:* Constable and Company limited.1916.

EAGLETON, Terry. *History and Myth in Yeats's 'Easter 1916'*. Wadham College, Oxford. 1971.Downloaded from http://eic.oxfordjournals.org/.

FOSTER, Roy F. *Modern Ireland 1600-1972*. London: The Penguin Press.1988.
_____. *Philosofy and a little passion*. The Irish Times.Irlanda, 10 de junho, 20 http://www.irishtimes.com/culture/books/philosophy-and-a-little-passion-roy-foster-on-wb-yeats-and-politics-1.224150415.

_____. Paddy and Mr Punch: Connections in Irish and English History. London: The Penguin Press. 1993.

_____. *Vivid Faces: The Revolutionary Generation in Ireland 1890-1923*. England: Allen Lane, 2014.

KIBERD, Declan. *Inventing Ireland: The Literature of the Modern Nation*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

LONGLEY, Edna. *Michael Robartes and the Dancer: Helicon and ni Houlihan*. Queen's University Belfast: Presses universitaires de Caen, p. 119-143, 1990.

MULVAGH, Conor. Constance Markievicz, Aristocratic Leader of Men. Irish Independent, Irlanda, 4 Fev, 2016.

O'RIORDAN, Tomás A. *Multitext Project in Irish History*. University College Cork, Ireland. Available in: <http://multitext.ucc.ie/display.html?oid=1968

YEATS, W. B. Poemas. Org., introd. e trad. de Paulo Vizioli. São Paulo: Schwarcz, 1992.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 5-15, jan./jun. 2019.
Recebido em: 10 set. 2017.
Aceito em: 13 abr. 2020.